

A MULHER E O ANALISTA, FORA DA CIVILIZAÇÃO

Jorge Forbes

Fora da civilização

Começou como sempre, no começo. No Gênesis, quando Deus diz à mulher que levava o homem a comer o que não devia: "Multiplicarei teus trabalhos e misérias em tua gravidez; com dor parirás os filhos e estarás sob a lei de teu marido, e ele te dominará."

De lá até aqui, numa longa e inacabada história, a lista de impropriedades sobre a mulher só fez crescer. Os autores, paradoxalmente, são da melhor qualidade. Encontrei num trabalho de Isidoro Loi, *La mujer*, algumas pérolas. Vejamos.

"Uma mulher estéril deve ser substituída no oitavo ano; aquela que perdeu todos os filhos, no décimo; a que só dá luz a filhas, no décimo primeiro; aquela que é azeda, imediatamente" (Código de Manu, século XIII a.C.).

"A mulher é má. Cada vez que tiver ocasião, toda mulher pecará" (Buda, 600 a.c.).

"As mulheres, os escravos e os estrangeiros não são cidadãos" (Péricles, 450 a.c.).

Eurípedes, o dramaturgo, na mesma época: "Os melhores adornos de uma mulher são o silêncio e a modéstia."

Um pouco depois, o pai da razão, Aristóteles, saía-se com esta: "A mulher é por natureza inferior ao homem; deve, pois, obedecer. ... O escravo não tem vontade; a criança tem, mas incompleta; a mulher tem, mas impotente."

"A mulher deve aprender em silêncio, com plena submissão. Não consinto que a mulher ensine nem domine o marido, apenas que se mantenha em silêncio" (São Paulo, século I).

"Os homens são superiores às mulheres, porque Deus lhes outorgou a preeminência sobre elas. Os maridos que sofram desobediência de suas esposas, podem castiga-las: deixá-las sozinhas em seus leitos e até mesmo golpeá-las" (Maomé, século VII).

"Para a boa ordem da família humana, uns devem ser governados por outros mais sábios do que eles; em decorrência, a mulher, mais débil em vigor da alma e força corporal, está sujeita por natureza ao homem, em quem a razão predomina. O pai há de ser mais amado do que a mãe e merecerá maior respeito, porque a sua concepção é ativa, e a mãe simplesmente passiva e material" (Santo Tomás de Aquino, século XIII).

"Você não sabe que sou mulher? Quando penso, tenho de falar" (Shakespeare, século XVII).

Epitáfio que o poeta inglês John Donne (século XVII) inscreveu na tumba de sua esposa: "Enquanto você repousa, eu descanso."

"Ainda que o homem e a mulher sejam duas metades, não são nem podem ser iguais. Há uma metade principal e outra metade subalterna: a primeira manda e a segunda obedece" (Moliere, século XVII).

"Uma mulher amavelmente estúpida é uma bênção do céu" (Voltaire, século XVIII).

"A mulher pode, naturalmente, receber educação, porém, sua mente não é adequada às ciências mais elevadas, à filosofia e a algumas artes" (Hegel, século XIX).

"Todas as mulheres acabam sendo como suas mães: essa é a tragédia" (Oscar Wilde, século XIX).

"... de quem, de fato, aprendemos a volúpia, o afeminamento, a frivolidade total, e outros muitos vícios, senão da mulher? Quem é o responsável por perdermos tantos sentimentos inerentes a nossa natureza, como o valor, a fortaleza, a prudência, a equidade e tantos outros, senão a mulher?" (Tolstoi, século XIX).

"A mulher parece resolvida a manter a espécie dentro de limites medíocres, a procurar que o homem não chegue nunca a ser semideus" (Ortega y Gasset, século XX).

Finalmente, Elias Canetti, búlgaro, Prêmio Nobel de Literatura de 1981: "Sua confusão era tal que começou a piorar mentalmente, como uma mulher."

Basta. Saltando de século em século, do início da civilização até hoje, por meio desses flashes pinçados ao acaso, vemos uma impropriedade comum no tratamento da mulher, um conjunto de desaforos, literalmente, um conjunto de "fora de lugares". Historiadores, filósofos, teólogos, dramaturgos, políticos, enfim, a inteligência, os que pensam, pensam muito mal a mulher. Razões culturais, sim, não há dúvida, mas o que provoca essa quase desrazão cultural?

Excluída da linguagem

Falta à civilização, à cultura, um nome apropriado à satisfação feminina, à essência da mulher. Quando se tenta classificá-la, como vimos, é um desastre, acaba-se por degradá-la, mudar de grau. É diferente do homem que, este sim, encontra conforto nos braços da cultura e aí dormiria em berço esplêndido se não fosse a mulher acordá-lo. de. seu sono narcísico e homossexual da civilização de tempos em tempos.

O homem adora estar no mundo, na ordem unida; quanto mais todos forem iguais, melhor. O exército, a igreja e as legiões de executivos são bons exemplos da vontade de ser uniforme: todos de farda, de batina, de terno cinza, gravata escura, sapato preto, no máximo marrom.

Se você elogia um homem, ele fica contente e, se nesse elogio há uma comparação com outro homem – como, por exemplo, "você é inteligente como fulano" ou " – educado, gentleman, como sicrano" –, tanto melhor.

Já as mulheres questionam o coletivo, bagunçam, por assim dizer, a ordem unida. O grande prazer que os homens encontram nos bate-papos entre si, auto-elogiosos, das mesas dos bares é visto com certo desprezo caridoso: "Ah, esses meninos..." O guarda-roupa feminino com sua variedade de detalhes aponta a prevalência do singular sobre a ordem unida. Que azar, dois vestidos iguais na mesma festa! Ao mesmo tempo que os homens reluzem em seus smokings pretos com camisas brancas.

Também o elogio a uma mulher há de ser específico. Jamais diga: "Você é sensual como Marilyn Monroe", pois arrisca-se a ouvir: "O quê? Aquela americana cafona, oxigenada?"

Pois bem, seja para homens ou para mulheres, uma análise se propõe a escutar e a inventar um nome para o que se exclui da linguagem; daí dizer, com Lacan, que uma análise deve ser conduzida além do Édipo, lembrando que "complexo de Édipo" é a maneira de a psicanálise conceituar a articulação do sujeito com a cultura.

Além do Édipo

Ir além do Édipo é forçar a palavra onde normalmente nada poderia ser dito – lembremos do final do *Tractatus logico-philosophicus* de Wittgenstein: "Do que não se pode falar, melhor é calar-se." Contrariamente a essa assertiva do filósofo, a psicanálise insiste no mais além, convida ao excesso: onde nada pode ser dito, tal como faz o poeta, há de ser inventado, um significante novo.

O percurso de uma análise permite ao analisando duvidar das soluções plenas de seu gozo nos chamados bens da civilização, é o caso do obsessivo, ou, em sua crítica contumaz desses mesmos bens, é o caso da histérica. E isso é feito não por gosto, mas porque o preço dessa falsa tranqüilidade neurótica é alto. Encontrar a castração, nos termos de Freud, é ter a chance de se reposicionar diante de seu gozo, não como obsessivo ou histérica, mas, simplesmente, como homem ou mulher, diversamente, e que deixarei por especificar.

Para atingir esse ponto, um analisando tem de ser ouvido por uma pessoa a quem chamamos analista. Não existe auto-análise. Sempre houve a pergunta sobre qual a posição adequada ao analista: um amigo qualificado, um técnico, um confessor simpático, um intuitivo-sacador, uma mãe compreensiva, um pai bravo mas afetivo... Destaquemos as duas posições mais habitualmente referidas: a de mãe e a de pai. Sobre a posição materna, diz-se que seria a melhor, pois proveria um continente acolhedor aos conteúdos fantasiosos primitivos da mente do paciente..., e sobre a posição paterna, que seria a melhor para impor a lei, barrar o gozo tresloucado.

Tanto uma quanto outra parecem-me falsas, pois são passíveis de se encaixar em modelos; nós podemos rir por evocação, nós podemos imaginar uma mãe compreensiva e um pai bravo. Uma das grandes contribuições de Lacan, a meu ver, foi a de situar o analista não como um modelo, seja do que for, mas como um elemento causador, como uma provocação que faz falar, uma causa e não um ideal.

O analista não é deste mundo, tal como a mulher. A mulher e o analista estão fora

da civilização, na medida em que a intenção dos seus conceitos é vazia. Não há uma qualidade universal que identifique um ou outro, daí dizermos que só é possível verificar a mulher uma a uma e o analista um a um. É essa falta de qualidade universal do analista que explica a enigmática frase de Lacan em *Direção do tratamento*: "O analista melhor se orienta por sua falta a ser do que por seu ser"; atingir e suportar essa falta de ser é consequência de uma análise.

Seria precipitado concluir, então, que o analista é uma mulher. Não, pois se há semelhança quanto à posição deslocada, surpreensiva, suas funções não são as mesmas. Uma mulher e um analista não reagem à causa do desejo da mesma forma: a mulher, passando do desejo ao gozo, dá uma resposta; o analista, mantendo aberto o desejo, força o outro, o interlocutor, o analisando, a uma resposta. Algumas mulheres podem experimentar esse gozo sem poder dizer do que se trata, os analistas, não o experienciando, elaboram-no.

Globalização e psicanálise

Podemos, agora, relacionar essas reflexões sobre o microcosmo da relação analítica com o macrocosmo da realidade que hoje vivemos. O termo do momento é "globalização". Já não há fronteiras, já não há distâncias, já não há ideologias. Há falta de fatores coletivizantes, aglutinadores. Como se referiu Luiza Eluf, na "Conferência da Mulher": "Chutaram o pau da barraca"; e, sem pau, a barraca caiu sobre nossas cabeças; todavia, ninguém entende muito bem como vai se localizar entre tanto pano e lona. Antes, as diferenças eram claras: havia países de mundos diferentes primeiros e terceiros –, havia a disputa entre o capital e o trabalho, enfim, havia bandeiras – guias, posições, discussões, objetivos: "A luta continua, a luta continua..." Como evitar um rompimento danoso do tecido social quando faltam palavras de ordem? É um grande problema para os governantes da atualidade, como refletiu Fernando Henrique Cardoso, em sua aula no Colégio do México, em fevereiro de 1996. Surgem as utopias parciais do "funciona bem". Não importa como, quem, porquê. O que funciona é bom: o carro, a amizade, o curso, o remédio... O que não funciona é lixo. Haja lixeira.

Temos notado que o motor utilitarista do funciona, do serve, começa a ratear, como esperado por aqueles – incluem os psicanalistas – que sabem que o gozo humano não tem nada de útil. Qual a utilidade de admirar um quadro, ler uma poesia, tomar um banho de mar, ouvir música brasileira, escrever uma carta de amor?

Deveria ainda provocar: E qual a utilidade de fazer análise? Não é o que perguntam certos psiquiatras ditos biológicos? Nenhuma. A psicanálise é tão pouco útil quanto uma mulher, daí toda a sua importância. Ela importa, apesar de você. Ela se impõe.

Nesta nova ordem mundial, homens e mulheres estão incomodados ... chutaram o pau da barraca. O que podemos esperar de positivo ou negativo?

Nas mulheres, vejo com pena que a foto-símbolo estampada na primeira página dos jornais, no Dia Internacional da Mulher deste ano de 1996, tenha sido a de uma mulher-bombeiro, que conseguiu a "grande façanha" de escalar as paredes exteriores do Congresso Nacional, em Brasília, como se quisesse provar que mulher também é homem.

Nos homens, assistimos a uma fetichização do corpo delicadamente malhado nas academias, como se quisessem recuperar em si o domínio perdido sobre a mulher.

Pensando agora mais otimisticamente, diria, com outros, que estamos entrando em um novo renascimento, conseqüência do colapso do utilitarismo de circunstancia. Na indústria, ressurgem o artesanal; no computador, a interação; nos meios de transporte, o tratamento personalizado etc. Voltam as artes, o cinema, o teatro, a literatura, a pintura, o debate das idéias. O novo homem ou a nova mulher, se isso existe, têm a chance de fazer melhor do que disputar quem manda ou pode mais. Manter suas diferenças é fundamental, pois nem todas podem ser musas, nem todos podem ser poetas; nem todos podem ser modelos, nem todos podem ser pintores; nem todos podem ser amantes, nem todos podem ser amados; pelo menos, não ao mesmo tempo.

O bonde da história está passando na casa dos analistas; se souberem se desvencilhar de um humanismo piegas, por um lado, e de um escamoteamento defensivo em jargões que não impressionam nem convencem, por outro, devem fazer, neste novo tempo, uma boa viagem.